



Marie François Arouët de Voltaire.
Né à Paris en 1694.

CLOCKWORK ANGELS OU UMA NOVA SAGA DO OTIMISMO

JANAÍNA SANTOS*

RESUMO Este artigo faz uma análise comparativa entre uma obra contemporânea, *Clockwork Angels*, álbum conceitual da banda canadense *Rush*, e o livro *Cândido*, de Voltaire, filósofo francês, cujo texto serve de inspiração para o álbum, como peça fundamental para a construção de personagens, ambientes e conceitos da história.

PALAVRAS-CHAVE Clockwork Angels. Cândido. Otimismo.

CLOCKWORK ANGELS OR ANOTHER SAGA OF OPTMISM

ABSTRACT This article compares a contemporary work to a philosopher's famous text: *Clockwork Angels*, a conceptual album from Canadian band *Rush*, and Voltaire's *Candid*. The latter served as inspiration to the former, so that it is a fundamental part of the construction of characters, environments and concepts of the narrative.

KEYWORDS Clockwork Angels. *Candid*. Optimism.

* Mestranda, Unesp, São José do Rio Preto, SP. E-mail: j.asn@hotmail.com

Introdução

De como Leibniz irritou Voltaire até chegarmos aqui

Quem não gostaria de viver no melhor dos mundos possíveis? Com certeza, a maioria da humanidade gostaria. Houve até mesmo quem tentasse provar que isso já acontecia, e houve quem tentasse, conseqüentemente, argumentar que essa ideia era absurda. No primeiro caso, o polímata alemão Gottfried Wilhelm Leibniz desenvolveu uma linha de pensamento conhecida como Otimismo, que pode ser resumida na afirmação de que, sendo o universo criado por Deus, nele se torna possível conciliar o máximo de bem e o mínimo de mal, o que faz dele “o melhor dos mundos possíveis”. Há também na teoria de Leibniz uma tentativa de demonstrar que o mundo tem uma estabilidade por meio de uma uniformidade nos acontecimentos. Para Vagna, “no *Discurso de Metafísica*, Leibniz diz não ser possível imaginar no mundo eventos que não evidenciam alguma uniformidade, por mais complexos que eles possam ser.” (VAGNA, 2006, p. 50).

Entretanto, como já mencionado, houve quem discordasse desse posicionamento e o combatesse: para isso nasceu a obra *Cândido ou O Otimismo*, de Voltaire, 1759, – uma resposta satírica a certas linhas filosóficas da época, como as de Rousseau e de Leibniz. O texto trata de um jovem de nome Cândido que havia sido criado em um lindo castelo na Vestfália, com uma vida abastada e tranquila, sendo ensinado pelo mestre Pangloss (discípulo declarado de Leibniz) que, em todo e qualquer aspecto, a melhor vida possível seria estar no melhor mundo possível, ou seja, no mundo em que viviam. Entretanto, por uma “queda” romântica pela senhorita Cunegundes, filha do barão dono do castelo, o jovem é expulso do seu lar e passa a enfrentar uma série de desventuras que vão pondo em xeque todo o seu aprendizado sobre o Otimismo.

Esse conto filosófico influenciou vários artistas ao longo do tempo e, entre eles, o compositor e baterista Neil Peart, da banda canadense Rush: o letrista do álbum

Clockwork Angels admite, no posfácio do livro adaptado do disco, que buscou, no conto de Voltaire, a base para o arco narrativo da história.

Assim, este texto aborda aspectos em que a história de Voltaire e, consequentemente, a teoria do otimismo – conforme apresentada em *Cândido* –, aparecem tanto na construção do arco da narrativa de *Clockwork Angels* como na construção dos personagens e na mentalidade social e política ambientada naquele mundo, tornando-se, assim, “uma nova saga do otimismo”.

De como a banda nasceu até o surgimento de *Clockwork Angels*

A banda *Rush* foi formada em 1968 em Toronto, Canadá, por Alex Lifeson (guitarra), Jeff Jones (baixo), substituído em seguida por Geddy Lee (baixo, teclado e vocal), e John Rutsey (baterista). John Rutsey deixa a banda pouco depois do lançamento do primeiro álbum, em 1974, e é substituído por Neil Peart. Essa formação permaneceu até 2015, ano em que a banda anunciou um afastamento dos palcos.

No início da carreira, ao tocar pelas primeiras vezes nas rádios, o *Rush* foi comparado, inclusive por causa do timbre de seu vocalista, com o grupo inglês *Led Zeppelin*. Entretanto, a banda acabou por desenvolver uma sonoridade peculiar, com composições bastante elaboradas para serem tocadas por apenas três pessoas: o que havia começado como uma tendência *hard rock* no primeiro álbum se modificou e mostrou características de rock progressivo em discos seguintes, ainda na década de 70, por influência de bandas como *Yes*, *Van der Graaf Generator* e *King Crimson*. Na década seguinte, as músicas se tornaram menores e algumas foram compostas sob a influência do *ska*, *reggae*, *funk* e *New Wave*, o que ocasionou o amplo uso de teclados nas composições dessa época¹. Contudo, mesmo depois de quarenta anos de carreira, dificilmente a banda pode ser classificada em um subgênero específico do rock, sendo um símbolo de sonoridade peculiar. *Rush* sempre soa como *Rush*.

¹ <https://www.rush.com/band/>

O ingresso do novo baterista acarretou uma mudança significativa nas composições: Peart se torna o letrista, e sua qualidade de leitor voraz terá papel fundamental na carreira da banda, pois, motivado por suas leituras, compõe várias canções, utilizando-

se de fontes literárias – “Tom Sawyer” (*As Aventuras de Tom Sawyer*, Mark Twain), “Xanadu” (inspirada no poema *Kubla Khan*, de Samuel Taylor Coleridge), “Rivendell” e “The Necromancer” (*O Senhor dos Anéis*, J. J. R. Tolkien) e o álbum *Clockwork Angels*, com seu arco narrativo inspirado em *Cândido*, de Voltaire.

A banda também aderiu, ao longo da carreira, à ideia de compor álbuns conceituais. Em 1975, o álbum *Careless of Steel* traz a música “The Fountain of Lamneth”, com quase 20 minutos de duração e dividida em seis partes que narram a busca pela fonte de Lamneth. Em 1976, é lançado o álbum *2112*, baseado na leitura de Peart, do livro *Anthem*, de Ayn Rand. Apesar de apenas um lado do álbum ser dedicado a essa música, ele é considerado, em linhas gerais, como conceitual. Ao longo dos anos, de acordo com seus integrantes, a banda continuou a lançar outros discos que são considerados conceituais temáticos, porém não necessariamente divulgados como tais², a exemplo de *Hemispheres*, *Grace under Pressure*, *Power Windows*, *Roll the Bones*, *Counterparts*, para citar alguns. E finalmente, depois de explorar essas possibilidades em vários de seus trabalhos, a banda lança, em 2012, um álbum inteiro com uma narrativa: *Clockwork Angels*.

² <https://rushvault.com/2013/07/11/geddy-rush-never-stopped-doing-concept-albums/>

A história no álbum é narrada quase totalmente em primeira pessoa (mas não por um único narrador) em ordem cronológica. Cada música tem a função de apresentar um acontecimento marcante na vida do narrador. Também, para que haja uma contextualização e uma imersão mais rápida e pontual na história, o encarte traz, antes de cada letra, um texto introdutório que cria o contexto (físico, emocional ou conceitual) em que se situará a ação retratada ou a reflexão contida nela.

Com base na história que o álbum propõe, foi lançado também, em 2012, um romance escrito pelo autor de ficção científica Kevin J. Anderson, em parceria com o baterista/letrista Neil Peart, e com ilustrações de Hugh Syme. Com a novelização das letras, as aventuras em que o herói participa são incrementadas de detalhes, e o tema “Ordem x Caos”, que já podia ser percebido nas canções, torna-se mais elaborado, bem como o tema “Livre Arbítrio x Destino”. A adaptação, no entanto, não se deteve ao romance: ao longo de 2015, uma novela gráfica foi lançada em seis volumes, sendo parceria entre o autor do livro e o artista Nick Robles.

Assim, com *Clockwork Angels*, a banda une duas práticas comuns em sua carreira: a influência literária e os álbuns conceituais.

Do resumo de *Clockwork Angels*

O álbum, o romance e a novela gráfica apresentam ao leitor/ouvinte a mesma sequência de eventos: inicia-se pela apresentação do personagem principal já idoso, que começa a narrativa com suas lembranças, chegando até a retomada de sua reflexão sobre a vida no fim da história. Por isso, será feito aqui um resumo utilizando-se as letras das canções, visto que são a obra-base para as adaptações, e estas, por sua vez, acompanham a sequência dos acontecimentos que se encontram no álbum.

A primeira música, “Caravan”³, é iniciada com leves sons de sinos ao longe, que vão ficando mais altos, como se anunciassem a chegada de uma caravana⁴.

O texto introdutório e a letra da música apresentam o personagem principal e uma pequena reflexão a respeito de sua vida. Ele explica que seu mundo é governado pelo Relojoeiro (*Watchmaker*), um líder que programa todas as atividades das vidas dos habitantes e propaga a ideia de que “tudo está para o melhor”, assim como é ensinado a Cândido por meio de seu mentor, Pangloss, no livro de Voltaire. Fazendo um balanço positivo (otimista) de sua vida, o personagem, que, com a novelização do álbum, ganha o nome de Owen Hardy, conta que caravanas de *steamliners* (zeplins movidos a fogo frio) passavam perto da fazenda onde morava e, em uma dessas passagens, ele embarca em um dos veículos que se dirigia para Crown City, capital de Albion. Nesse momento, ele deixa sua vida pacata e pré-determinada e parte para o início do que se torna uma aventura pelo mundo.

Na música seguinte, “BU2B”⁵, sigla para “Brought up to believe” (Criado para acreditar), o personagem faz uma reflexão a respeito das crenças nas quais foi criado e se mostra insatisfeito com elas, afinal ele havia sido ensinado a acreditar que cada indivíduo merecia o que lhe acontecia e que era preciso aceitar o destino individual como inevitável, pois o universo sempre teria o melhor plano possível para cada um.

3 <https://www.youtube.com/watch?v=6yBFQ1uratk>

4 A ilustração que faz fundo à letra no encarte retrata os veículos, *steamliners*, que formam a caravana, além de um personagem que pode representar o protagonista da história no alto de uma plataforma. Essa e outras ilustrações que compõem o álbum e o livro podem ser vistas neste link do site do ilustrador Hugh Syme: <http://www.hughsyme.com/#35>

5 https://www.youtube.com/watch?v=8O_il4gCpao



FIGURAS 1 e 2 – Capa e contracapa do encarte do álbum *Clockwork Angels*, 2012.

6 <https://www.youtube.com/watch?v=7P8EOOvaISg>

*Clockwork Angels*⁶ descreve o impacto que a crença nas deusas-anjo tem sobre o protagonista e sobre o povo em geral, pois, mesmo depois de se decepcionar com algumas crenças, ele ainda se assombra com a grandiosidade da “maquinária espiritual”.

7 A imagem pode ser vista no site do ilustrador, no link citado acima, sendo a segunda na sequência (The pedlar).

As duas letras seguintes são casos à parte por diferentes razões: “i - The Pedlar 1” não é uma música, mas aparece apenas no encarte como uma pequena descrição de um personagem que aparece em uma ilustração⁷ – um caixeiro viajante que anda pelo mundo perguntando aos prospectivos compradores: “O que lhe falta?”. Essa fala, mesmo que apenas escrita, faz a ligação com o texto introdutório da música seguinte – “*The Anarchist*”⁸ –, em que esse personagem se torna, excepcionalmente, o narrador e diz ouvir a pergunta do caixeiro, respondendo que o que lhe falta é vingança.

8 <https://www.youtube.com/watch?v=GHHvfSdTPbs>

Essa vingança é mostrada na música seguinte, “*Carnies*”⁹. O protagonista volta a ser o narrador e está trabalhando em um circo na capital quando vê um homem lidando com fios, barris de madeira e um detonador – era o Anarquista. Quando o herói grita para alertar a multidão, o homem joga o detonador para suas mãos e desaparece. O narrador diz, então, que precisou fugir da multidão enfurecida que lhe atribuía o ataque.

9 <https://www.youtube.com/watch?v=BmLEsLF7ATI>

10 <https://www.youtube.com/watch?v=5gsOxmyp5YI>

Na sequência, “*Halo Effect*”¹⁰ conta a paixão de um garoto por uma acrobata de circo, à qual havia se juntado para trabalhar, e sua decepção com esse sentimento.

11 <https://www.youtube.com/watch?v=coD1ftbPJ8Q>

“*Seven Cities of Gold*”¹¹ fala da busca do personagem pela lenda das cidades de ouro. Ele atravessa terras geladas e inóspitas depois de trabalhar por um tempo na cidade portuária de Poseidon. A letra não revela abertamente se ele encontra o que procura. Entretanto, a música seguinte, “*The Wreckers*”¹², diz que ele escapa por pouco de uma morte congelante naqueles desertos e que volta a Poseidon a fim de, a partir dali, ir para sua terra natal. Para isso, ele embarca em um navio que é pego por uma terrível tempestade, no meio da qual uma luz no horizonte parece ser a única salvação. Indo em direção a ela, o navio é pego em uma armadilha, a carga é saqueada, e a tripulação é abandonada pelos saqueadores para morrer no naufrágio. O narrador é o único sobrevivente. Essa é a última aventura contada no álbum, pois as canções seguintes são marcadas por reflexões a respeito da vida do protagonista.

12 <https://www.youtube.com/watch?v=InYIK9nLrdM>

13 <https://www.youtube.com/watch?v=xKFgtZQpfYU>

“*Headlong Flight*”¹³ é uma consideração a respeito das aventuras pelas quais o herói passou. Mesmo que elas não parecessem tão “grandes”, nos momentos em que as viveu, ele afirma que as viveria de novo.

Novamente o caixeiro viajante aparece apenas no encarte com “ii – The Pedlar 2” para perguntar mais uma vez: “O que lhe falta?”. Dessa vez, o questionamento é

“respondido” pelo protagonista, na curta, porém muito significativa, “BU2B2”¹⁴. Aqui ele reflete sobre tudo o que ele perdeu ao longo de sua jornada, e o que se destaca é a perda do otimismo desenfreado. Apesar disso, ele, ironicamente, ainda acredita no amor, assim como foi criado para acreditar.

¹⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=8mvKHG1YS34>

“Wish them well”¹⁵ observa que a raiva e o rancor são sentimentos prejudiciais e não são dignos de ser nutridos por causa de pessoas que fazem o mal. O que deve ser feito é se afastar e desejar o melhor a elas.

¹⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=1ns9BvYz8WE>

“The Garden”¹⁶ é o “agora” na narração: o protagonista mostra, citando *Cândido* (agora devemos cultivar nosso jardim), que a verdadeira busca de toda sua vida foi para colher respeito e amor, que é, sim, a verdadeira medida da vida.

¹⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=SxTfSpHxts>

Com a consideração das letras, fica evidente que o personagem não se sente completo naquele sistema em que tudo é planejado e, por isso, sai em busca de uma vida diferente.

De como Cândido coopera para a existência de Clockwork Angels

Neil Peart tem buscado, ao longo de sua carreira, conforme exemplificado anteriormente, inspiração em várias obras literárias para a elaboração de suas letras. No posfácio do romance *Clockwork Angels* (Os Anjos do Tempo, em português), ele comenta a respeito da escolha de *Cândido* como modelo para a história:

Cândido, de Voltaire (1759), foi um modelo inicial para o arco narrativo: uma sátira filosófica sobre um jovem otimista e ingênuo cuja criação (Eu fui levado a crer) não serviu para prepará-lo para as angustiantes aventuras que lhe causaram desilusão, tristeza e desespero. Finalmente, *Cândido* encontra a paz e a sabedoria em uma fazenda próxima a Constantinopla, trabalhando em seu jardim (ANDERSON, 2015, p. 289).

Assim, *Cândido* é o texto do qual *Clockwork Angels* “brota”: Peart traça linhas gerais de aventuras e crenças inspiradas em *Cândido*, porém contando uma história num “estilo” completamente diferente do de Voltaire: enquanto o filósofo questiona a máxima “tudo está bem”, de uma maneira ácida, satírica, fazendo o protagonista do seu conto sofrer grandes desgraças e ouvir narrativas de infortúnios imensos de outros personagens, Peart constrói um mundo que não aparenta ser ruim.

Cândido é ensinado por Pangloss (discípulo declarado de Leibniz) a acreditar que o mundo em que vivia era o melhor possível, mesmo se algo saísse errado. Tudo tinha seu motivo:

Pangloss ensinava metafísico – teólogo – cosmologonigologia. Provava admiravelmente que não há efeito sem causa e que, neste que é o melhor possível dos mundos, o castelo do senhor barão era o mais belo possível dos castelos, e a senhora, a melhor das baronesas possíveis (VOLTAIRE, 1759, p. 18).

Cândido ouvia com toda a atenção e acreditava inocentemente; pois achava a senhorita Cunegundes extremamente formosa, embora jamais se atrevesse a lho dizer. Concluía que, depois da ventura de ter nascido barão de Thunder-ten-tronckh, o segundo grau de felicidade consistia em ser mademoiselle Cunegundes; o terceiro, em vê-la todos os dias; e o quarto, em ouvir mestre Pangloss, o maior filósofo da província e, por conseguinte, de toda a terra (VOLTAIRE, 1759, p. 19).

No decorrer da história, entretanto, Cândido depara com situações que o fazem questionar a veracidade das palavras de seu querido instrutor a ponto de rejeitar sua crença no Otimismo:

– Sim, é o costume – disse o negro. – Por todo vestuário, dão-nos umas calças duas vezes por ano. Quando trabalhamos nas usinas de açúcar e o rebolo nos apanha o dedo, cortam-nos a mão; quando tentamos fugir, cortam-nos a perna: incorri em ambos os casos. É por esse preço que os senhores comem açúcar na Europa. No entanto, quando me vendeu por dois escudos patagônicos na Costa da Guiné, minha mãe me dizia: “Bendiz a nossos fetiches, meu querido filho, adora-os sempre, eles farão com que vivas feliz; tens a honra de ser escravo dos nossos senhores brancos, e com isso fazes a fortuna de teu pai e de tua mãe”. Ai! Se fiz a fortuna deles é coisa que eu não sei, mas eles não fizeram a minha. Os cachorros, macacos e papagaios são mil vezes menos infelizes que nós. Todos os domingos, os fetiches holandeses que me converteram me dizem que nós, brancos e negros, somos todos filhos de Adão. Não sou genealogista, mas se esses pregadores dizem a verdade, somos todos primos-irmãos. Ora, hão de confessar-me que é impossível tratar os parentes de modo mais horrível.

– Ó Pangloss! – exclamou Cândido. – Não tinhas imaginado esta abominação; não há remédio, acabo renegando o teu otimismo.

– Que é otimismo? – indagou Cacambo.

– É a mania de sustentar que tudo está bem quando tudo está mal – suspirou Cândido. E derramava lágrimas ao contemplar o negro, e, assim chorando, entrou em Surinam (VOLTAIRE, 1759, p. 37).

O personagem do álbum é criado em uma sociedade que acredita viver no melhor dos mundos possíveis. Assim, a crença satirizada por Voltaire é utilizada por Peart para construir a mentalidade por meio da qual o Relojoeiro governa: entende-se, ao longo da história, que, em um passado não muito distante, havia anarquia e dificuldades em –Albion. De alguma maneira, então, aquele líder tomou o poder e fez o povo ter a organização necessária para que se instaurasse paz, harmonia e uma boa medida de predição nos acontecimentos, ou seja, a população acreditava que vivia no melhor dos mundos possíveis, não havendo por que se preocupar com o amanhã; afinal “tudo estaria para o melhor”. Entretanto, o personagem do álbum, assim como Cândido, também se incomodava com o mundo em que vivia e com as crenças que lhe impuseram a vida toda. A letra da música abaixo (juntamente com o trecho introdutório) é um exemplo dessa reflexão que lhe gera incômodo:

Criado Para Acreditar (BU2B)

SEMPRE FOMOS ENSINADOS que vivemos no “melhor dos mundos possíveis”. O Relojoeiro governava de Crown City por meio dos Reguladores; os sacerdotes-alquimistas nos deram o fogo frio de poder e luz, e tudo era bem organizado. Nós aceitávamos nossos vários destinos individuais como inevitáveis, pois também havíamos sido ensinados, “Seja o que nos aconteça deve ser o que merecemos, pois não aconteceria a nós se não merecêssemos”.

Nada disso parecia certo para mim...

Eu fui criado para acreditar
Que o universo tem um plano
Somos apenas seres humanos
Não é nosso dever entender

O universo tem um plano
Tudo é para o melhor
Alguns serão recompensados
E o diabo leva o resto

Tudo é para o melhor
Acredite no que nos foi dito
Cegos no mercado

Comprando o que nos é vendido
 Acredite no que nos foi dito
 Até nosso último suspiro
 Enquanto nosso amoroso Relojoeiro
 Ama todos nós até a morte

Em um mundo de discussões
 Sempre fui ensinado a confiar
 Em um mundo onde todos devem falhar
 A justiça do céu irá prevalecer

A alegria e a dor que recebemos
 Cada qual vem com seu próprio custo
 O preço que estamos ganhando
 É o mesmo que perdemos

Até nosso último suspiro
 A alegria e a dor que recebemos
 Deve ser o que merecemos
 Eu fui criado para acreditar¹⁷

17 A letra no idioma original encontra-se no Anexo.

É possível, portanto, enxergar essa sociedade instaurada e governada pelo Relojoeiro como a concretização da utopia otimista de uma “harmonia preestabelecida” pregada por Pangloss:

– Pois bem! Meu caro Pangloss – disse Cândido – enquanto eras enforcado, dissecado, espancado e remavas nas galeras, sempre achavas que tudo ia o melhor possível?

– Mantenho a minha primitiva opinião – respondeu Pangloss –, pois, afinal, sou filósofo: não me convém desdizer-me, visto que Leibniz não pode incorrer em erro, e a harmonia preestabelecida é a mais bela coisa do mundo, bem como o todo e a matéria sutil (VOLTAIRE, p. 177).

Essa mentalidade de “harmonia preestabelecida” é afirmada no álbum, e, assim como acontece com Cândido, o herói acredita nisso durante certo tempo.

Entretanto, em *Clockwork Angels*, não há uma posição definitiva por parte do protagonista a favor do Otimismo (representado pelo Relojoeiro e seu mundo) ou contra ele

(o Anarquista apresenta-se como o antagonista daquele governante e daquele sistema, porém seu papel na trama é mais significativo na novelização do álbum). Há momentos de aceitação das crenças, mas há momentos de questionamento, assim como há em *Cândido* – o garoto que embarca em um *steamliner*, procurando fazer o bem e saciar sua curiosidade a respeito do mundo, decepciona-se ao ser levado a refletir sobre a sua realidade, mas, por outro lado, não desiste de acreditar que dar de si ainda é o melhor a fazer, pois havia sido criado para acreditar. A letra da música a seguir relata a desilusão nas crenças ensinadas e a escolha de perseverar, assim como *Cândido*, apesar da decepção:

Criado Para Acreditar 2 (BU2B2)

AQUELAS PALAVRAS FATAIS. “O que lhe falta?” desencadeia um monólogo interior sobre tudo o que perdi. Nunca mais otimismo ilimitado, nunca mais fé em poderes maiores, dor demais, sofrimento demais e desilusão demais. Apesar de tudo isso, percebo a ironia de que, apesar de agora eu somente acreditar na troca de amor, até a pequena fé segue o reflexo da infância em que “fui criado para acreditar”.

Eu fui criado para acreditar
 A crença me falhou agora
 O brilho intenso de otimismo
 Abandonou-me de alguma forma

A crença me falhou agora
 A vida vai de mal a pior
 Nenhuma filosofia me consola
 Em um universo mecânico

A vida vai de mal a pior
 Eu ainda escolho viver
 Procurando uma medida de amor e riso
 E outra medida para oferecer
 Eu continuo escolhendo viver
 E oferecer, mesmo enquanto eu sofrer
 Embora o equilíbrio se incline contra mim
 Eu fui criado para acreditar¹⁸

¹⁸ A letra no idioma original encontra-se no Anexo.

Vemos, assim, que a mentalidade predominante na sociedade na qual a história de *Clockwork Angels* se passa, bem como a viagem que faz o garoto perder sua inocência, são aspectos, entre outros, que aproximam ambas as obras. O fim do álbum contém até mesmo uma citação direta do texto de Voltaire, além de ser construído em harmonia com o final do conto.

De como cuidar de seu jardim

Novamente no posfácio do livro, Peart comenta que utilizou o texto de Voltaire para construir mais uma parte de sua narrativa:

Na cena final de *Cândido*, o personagem que dá nome ao livro expressa sua impaciência com a filosofia e revela a sabedoria pragmática que acumulou. “Às vezes Pangloss dizia a *Cândido*: ‘Todos os acontecimentos estão encadeados no melhor dos mundos possíveis; pois, afinal, se não tivesses sido expulso de um belo castelo com grandes pontapés no traseiro, por causa do amor da senhorita Cunegundes, se não fosses apanhado pela Inquisição, se não tivesses percorrido a América a pé, se não tivesses dado uma boa espadada no barão, se não tivesses perdido todos os teus carneiros do bom país de Eldorado, não estarias comendo aqui cidras em calda e pistaches’. ‘Isto está bem dito, respondeu *Cândido*, mas é preciso cultivar nosso jardim.’” (ANDERSON, 2015, p. 291).

Por fim, *Cândido* se estabelece em Constantinopla e finalmente, em certa medida, desfruta de paz por trabalhar e cultivar seu jardim enquanto Pangloss “prova” que tudo que aconteceu com ele teve um propósito.

O texto introdutório da última música, “The Garden”, faz a citação da passagem acima para contar que o protagonista de *Clockwork Angels* seguiu um caminho semelhante ao escolher também cultivar seu próprio jardim:

O Jardim

HÁ MUITO TEMPO ATRÁS LI UMA HISTÓRIA DE OUTRA LINHA DO TEMPO sobre um personagem chamado *Cândido*. Ele também sobreviveu a uma série angustiante de desventuras e tragédias, então se estabeleceu numa fazenda em Constantinopla. Ouvindo um discurso filosófico, *Cândido* respondeu: “*Isso tudo é muito bom, mas agora devemos cuidar do nosso jardim*”.

Agora eu chego nesse ponto da minha própria história. Há um jardim metafórico nos atos e atitudes da vida de uma pessoa, e os tesouros desse jardim são o amor e respeito. Vim a perceber que a colheita do amor e do respeito – dos outros e para mim mesmo – tem sido a busca real da minha vida.

“Agora devemos cuidar do nosso jardim”.

Neste dos muitos mundos possíveis,
Tudo para o melhor ou algum teste bizarro?

É o que é – seja o que for

O tempo ainda é uma piada infinita

A flecha voa quando você sonha,
As horas tiquetaqueiam – as células tiquetaqueiam

O Relojoeiro mantém seus planos

As horas tiquetaqueiam – elas tiquetaqueiam

A medida de uma vida é a medida do amor e respeito

Tão difícil de ganhar, tão facilmente queimada

Na plenitude dos tempos

Um jardim para nutrir e proteger

No nascer e no pôr do sol

Até as estrelas irem girando – girando em torno da noite

É o que é – e para sempre

Cada momento uma lembrança em pleno voo

A flecha voa enquanto você respira,
As horas tiquetaqueiam – as células tiquetaqueiam

O Relojoeiro tem tempo de sobra

As horas tiquetaqueiam – elas tiquetaqueiam

O tesouro da vida é uma medida de amor e respeito

A maneira como você vive, os presentes que dá

Na plenitude dos tempos

É o único retorno que você espera

O futuro desaparece na memória

Em apenas um instante

Para sempre habita naquele momento

A esperança é o que permanece para ser vista¹⁹

¹⁹ A letra no idioma original encontra-se no Anexo.

Assim, ambos os heróis aqui estudados acabam por constatar, por meio de suas viagens e experiências, que nem tudo estava para o melhor em seu mundo e que o otimismo desenfreado não lhes trouxera satisfação plena (nem mesmo no mundo do Relojoeiro!). Mesmo assim, ainda era necessário continuar a viver, e ambos fizeram suas escolhas: sem desejarem mudar o mundo, foram cuidar de seus jardins.

Das considerações finais

É muito interessante observar o fato de uma banda de rock da atualidade recorrer à obra *Cândido* e notar que o texto de Voltaire não está apenas nas entrelinhas para leitores que já o conhecem e que certamente perceberão sua influência, já que a essência do conto do filósofo francês está exposta no álbum, o que pode motivar algumas pessoas a recorrer à obra inspiradora e, assim, ter uma outra experiência de leitura/audição de *Clockwork Angels*.

Também é necessário lembrar que, enquanto Voltaire constrói uma crítica feroz a uma crença utópica de otimismo desenfreado, as letras e as adaptações não são satíricas. Mesmo assim, elas trazem consigo a reflexão a respeito de ideias antagônicas levadas ao extremo e o caminho que toma um homem comum. O personagem opta pelo meio termo, quase que com uma posição neutra em relação ao seu mundo – ele não está mais na fazenda de seu pai e nem segue o cronograma que o Relojoeiro traçou para sua vida, mas também não escolhe se tornar rebelde, como fez o Anarquista. Assim como o personagem de Voltaire, ele se encaixa no sistema social e político no qual vive e passa a cultivar seu próprio jardim, ou seja, ambos os protagonistas decidem não optar pelos lados que lhes são apresentados, para viverem cegamente suas promessas, mas escolhem viver suas próprias vidas, na medida do possível, à maneira que lhes parece mais apropriada.

Por fim, poderíamos até mesmo dizer, lembrando o herói da Vestfália, que “todos os acontecimentos estão devidamente encadeados no melhor dos mundos possíveis”. Afinal, se não fosse o Otimismo de Leibniz incomodar Voltaire a ponto de esse filósofo se dar o trabalho de escrever *Cândido*, e se Neil Peart não fosse o letrista do *Rush*, e se essa banda não tivesse o hábito de compor álbuns conceituais, não estaríamos aqui concluindo que seria impossível pensar na elaboração de *Clockwork Angels* sem a existência de *Cândido*. Assim, “tudo estando muito bem dito”, até certo ponto, neste caso, “tudo está o melhor possível”.

Referências

ANDERSON, K. J. *Clockwork Angels: os anjos do tempo*. Tradução. Bruno Mattos. Caixas do Sul: Belas Letras, 2015.

HEGARTY, P.; HALLIWELL, M. The Concept Album. In: *Beyond and Before: Progressive Rock since the 1960s*. Bloomsbury Publishing, USA, 2011.

LEIBNIZ, G. *Discurso de metafísica e outros textos*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RUSH. *Clockwork Angels*. Nashville/Toronto: Roadrunner Records, 2012. 1 disco sonoro.

VAGNA, R. Leibniz e sua concepção do melhor dos mundos. In: *Revista de Iniciação Científica da FFC*, v. 6, n. 1/2/3, p. 46-53, 2006.

VOLTAIRE, *Cândido ou O Otimismo*. 1759. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/candido.html>>. Acesso em: 12 nov. 2016.

Anexo

BU2B

WE WERE ALWAYS TAUGHT that we lived in “the Best of all possible worlds.” The Watchmaker ruled from Crown City through the Regulators; the alchemist-priests gave us coldfire for power and light, and everything was well ordered. We accepted our various individual fates as inevitable, for we had also been taught, “Whatever happens to us must be what we deserve, for it could not happen to us if we did not deserve it.”

None of it seemed **right** to me...

I was brought up to believe

The universe has a plan

We are only human

It's not ours to understand

The universe has a plan
All is for the best
Some will be rewarded
And the devil, take the rest

All is for the best
Believe in what we're told
Blind men in the market
Buying what we're sold
Believe in what we're told
Until our final breath
While our loving Watchmaker
Loves us all to death

In a world of cut and thrust
I was always taught to trust
In a world where all must fail
Heaven's justice will prevail

The joy and pain that we receive
Each comes with its own cost
The price of what we're winning
Is the same as what we've lost

Until our final breath
The joy and pain that we receive
Must be what we deserve
I was brought up to believe

BU2B2

THOSE FATEFUL WORDS, “What do you lack?” spark an inner monologue about all that I have lost. No more boundless optimism, no more faith in greater powers, too much pain, too much grief, and too much disillusion. Despite all that, I realize the great irony that although I now believe only in the exchange of love, even that little faith follows the childhood reflex that “I was brought up to believe.”

I was brought up to believe
 Belief has failed me now
 The bright glow of optimism
 Abandoned me somehow
 Oh, belief has failed me now
 Life goes from bad to worse
 No philosophy consoles me
 In a clockwork universe
 Oh, life goes from bad to worse
 I still choose to live
 Find a measure of love and laughter
 And another measure to give
 Oh, I still choose to live and give
 Even while I grieve
 Though the balance tilts against me
 I was brought up to believe

THE GARDEN

LONG AGO I READ A STORY FROM ANOTHER TIMELINE about a character named Candide. He also survived a harrowing series of misadventures and tragedies, then settled on a farm near Constantinople. Listening to a philosophical rant, Candide replied,

“That is all very well, but now we must tend our garden.”

I have now arrived at that point in my own story. There is a metaphorical garden in the acts and attitudes of a person’s life, and the treasures of that garden are love and respect. I have come to realize that the gathering of love and respect - from others and for myself - has been the real quest of my life.

“Now we must tend our garden.”

In this one of many possible worlds,
All for the best, or some bizarre test?
It is what it is - and whatever
Time is still the infinite jest

The arrow flies when you dream,
The hours tick away - the cells tick away
The Watchmaker keeps to his schemes
The hours tick away - they tick away

The measure of a life is a measure of love and respect
So hard to earn, so easily burned
In the fullness of time
A garden to nurture and protect

In the rise and the set of the sun
‘Til the stars go spinning - spinning ‘round the night
It is what it is - and forever
Each moment a memory in flight

The arrow flies while you breathe,
The hours tick away - the cells tick away
The Watchmaker has time up his sleeve
The hours tick away - they tick away

The treasure of a life is a measure of love and respect
The way you live, the gifts that you give
In the fullness of time
It's the only return that you expect
The future disappears into memory
With only a moment between
Forever dwells in that moment
Hope is what remains to be seen